

### *Um Tipo Diferente de Poder*

(MACY, Joanna; JOHNSTONE, Chris. *Active Hope: how to face the mess we're in without going crazy*. Cap. 6)

De nossa identidade mais ampla como parte da Terra viva nasce uma forte urgência de agir. Mesmo assim, ainda que a dor pelo mundo nos alerte para a urgência da nossa situação, ainda podemos enxergar a crise planetária como estando muito além de nosso poder de ação. Em uma recente e ampla pesquisa, a Mental Health Foundation descobriu que a resposta mais comum às questões globais era de impotência. Joe, um estudante e blogueiro, expressou sua experiência assim:

Me parece que a mudança climática é algo que apenas os líderes industriais e políticos têm poderes para resolver. Se formos honestos, a ideia de que indivíduos como eu podem realmente contribuir para uma solução parece risível. Estou errado ao pensar assim? Estou desistindo?

Ao ver o poder como algo detido apenas por aqueles no topo de uma hierarquia, Joe está expressando uma visão amplamente disseminada, que enfraquece nossa capacidade de agir. Quando olhamos com novos olhos, descobrimos um modo diferente de perceber e experimentar poder. Antes que sigamos adiante na exploração desta descoberta, precisamos descrever a antiga visão de poder e os problemas que ela causa.

#### A ANTIGA VISÃO DE PODER

Na velha história, o poder é baseado em uma posição de dominância ou vantagem sobre as outras pessoas, uma posição que assegura o acesso privilegiado a recursos e influência. Este tipo de poder trata de fazer as coisas do seu jeito e ter outras pessoas fazendo o que você quer. A finalidade, aqui, é ser capaz de vencer um conflito; quanto mais você bate nas outras pessoas, mais alto você sobe. Nos referimos a este tipo de poder como sendo o *poder-sobre*. Vejamos aonde ele nos leva.

#### *Sentimentos de impotência disseminados*

O poder-sobre é baseado num modelo de ganha-perde; nesta competição, para que alguém chegue na frente, a maioria de nós tem que perder. A posição de “poder” é um espaço tão pequeno que apenas poucas pessoas cabem lá, deixando muitas achando que, como o blogueiro Joe expressou, “a ideia de que indivíduos como eu possam realmente contribuir para uma solução parece risível”.

Ainda que possamos ser capazes de tomar as rédeas de algumas áreas das nossas vidas pessoais, há um limite para o que podemos perceber como estando dentro de nosso poder. Como as questões globais usualmente são consideradas como estando muito além destas coisas, podemos achar que pensar nelas é uma perda de tempo. Por exemplo, uma expressão que ouvimos frequentemente é “não faz sentido nenhum nos preocuparmos com coisas que não podemos mudar, e não podemos mudar o mundo”.

#### *Poder pessoal visto como mercadoria*

O que dá a uma pessoa uma posição de vantagem sobre as outras? É ter algo que as outras pessoas não têm – como dinheiro, armas, recursos materiais, contatos ou informação. Quando a informação traz vantagem, ela se torna um recurso negociável; como resultado, o conhecimento de valor fica escondido e a consciência pública não tem acesso ao segredo.

Mesmo votos em uma eleição podem ser vistos como negociáveis, já que os fundos de campanha dependem de enormes doações por parte de grupos de interesse que, em troca, esperam por favores. O poder de moldar a direção de nossa sociedade se tornou uma mercadoria a ser vendida e comprada. Conforme o poder se torna uma posse a ser mantida, defendida e acumulada, ele vai sendo gradualmente removido das mãos das pessoas comuns.

#### *O poder gera conflito*

O poder-sobre é essencialmente opositivo, porque conquista-lo envolve tirá-lo das outras pessoas. Para se sobressair, seja como indivíduo ou como grupo, é necessário empurrar os outros para baixo; para chegar ao poder, é preciso empurrar os outros para fora dele. As pessoas empurradas para baixo e para fora se ressentirão, e aquelas no poder precisarão monitorá-las e impedir que elas se tornem poderosas a ponto de oferecerem ameaça.

O medo é intrínseco a este modo de poder. Mesmo se e quando você estiver no topo, deve se manter vigilante, ou se arrisca a perder seu lugar. Na luta por permanecer no topo, a crueldade e a desonestidade se tornaram tão comuns que a ligação entre poder e corrupção é vista, frequentemente, como sendo inevitável.

A dominância dá acesso privilegiado a recursos e, para mantê-la, grandes quantidades deles são gastas para se permanecer “forte”, ou seja, capaz de vencer uma batalha. Em 2010, o gasto global com armas foi de 1,6 trilhões de dólares. Em comparação, um gasto anual de 10 por cento deste valor poderia eliminar a pobreza extrema e a fome no mundo todo.

#### *O poder alimenta a rigidez mental*

Quando se dá importância a demonstrações de poder, mudar de ideia pode ser visto como “desistência”, como um sinal de fraqueza. Em discussões políticas, ganhar é muito mais valorizado do que aprofundar a compreensão. Este ponto de vista bloqueia a abertura a novas informações e bloqueia a flexibilidade necessária para se lidar com circunstâncias que mudam.

#### *O poder se torna suspeito*

Ao completar a frase “Pessoas poderosas tendem a ser...”, participantes de nossos workshops com frequência revelam sentimentos conflitantes em relação a se tornarem poderosos, identificando tanto qualidades positivas, quanto negativas. Ao mesmo tempo em que veem as pessoas poderosas como apaixonadas, claras, determinadas e corajosas, também as enxergam como tendo mais probabilidade de ficarem sozinhas, de serem esfaqueadas pelas costas, desonestas e desagradáveis.

#### UMA NOVA HISTÓRIA DE PODER

A palavra *poder* vem do latim e significa “ser capaz”. O tipo de poder no qual nos focaremos agora não se refere ao domínio sobre os outros, mas a sermos capazes de cuidar da bagunça na qual estamos metidos. Ao invés de se basear nas coisas ou no status que detemos, esta visão de poder está enraizada em percepções e práticas, em forças e relações, em compaixão e conexão com a teia da vida.

Uma pessoa que adotou esse modelo colaborativo de poder foi Nelson Mandela. No início dos anos 1980, o governo do apartheid na África do Sul tinha um exército altamente treinado, com armas avançadas e mísseis nucleares. Mandela, representando o Congresso Nacional Africano (ANC), estava preso há mais de vinte anos. Ainda que muitas pessoas temessem que seria necessária uma guerra civil para acabar com ele, o apartheid não terminou devido a uma vitória

numa batalha. Ao contrário, a transformação veio através da discussão e da concordância. Para que esse processo começasse, ele precisou, como Mandela colocou, de “conversa, conversa, conversa, não guerra, guerra, guerra”. Em sua autobiografia, *Longa Caminhada Até a Liberdade*, ele descreveu como chegou à decisão de colocar este processo em ação enquanto estava em confinamento solitário:

Minha solidão me deu uma certa liberdade e eu resolvi utilizá-la para fazer algo que eu vinha ponderando por um longo tempo: iniciar conversas com o governo. Isso seria extremamente delicado. Ambos os lados consideravam discussões como sendo um sinal de fraqueza e traição. Nenhum deles negociaria sem que o outro lado fizesse concessões significantes... Alguém do nosso lado precisava dar o primeiro passo.

Quando respondemos a uma situação de uma forma que promove a cura e a transformação, estamos expressando poder. A contribuição de Mandela para o estabelecimento de uma democracia multirracial na África do Sul oferece um exemplo maravilhosamente inspirador.

Como Mandela não tinha a autorização do comitê organizador da ANC, iniciar conversações com o inimigo poderia ter sido visto como traição ou rendição. Dar este primeiro passo para a paz requereu coragem, determinação e planejamento. Forças internas como estas são frequentemente vistas como algo que algumas pessoas simplesmente têm, e outras não. Estas qualidades, contudo, estão ligadas a habilidades que podemos desenvolver e práticas que podemos aprender. Pensar em coragem e determinação como algo que *fazemos*, ao invés de coisas que *temos*, nos ajuda a desenvolvê-las. Elas emergem de nosso engajamento com situações reais e com as dinâmicas que emergem de nossas interações. Esta abordagem é relacional, e nós a chamamos de *poder-com*.

#### 1 + 1 = 2 E MAIS UM POUQUINHO

As discussões que Mandela provocou foram efetivas porque ambos os lados reconheceram que se arriscavam a perder se fossem à guerra e que iriam ganhar se encontrassem um caminho para a paz. Eles mudaram de paradigma, de um modelo ganha-perde de conflito para um que vise o ganha-ganha. A alternativa às negociações provavelmente seria uma guerra a qual ambos os lados perderiam.

O poder-com é baseado em *sinergia*, na qual duas ou mais partes trabalhando juntas rendem resultados que não ocorreriam se elas tivessem trabalhado individualmente. Como algo novo e diferente emerge da interação, podemos pensar que “1 + 1 = 2 e mais um pouquinho”. Esse é outro jeito de dizer “o todo é maior do que a soma das suas partes”.

Emergência e sinergia estão no coração do poder-com. Elas geram novas possibilidades e capacidades, adicionando um elemento misterioso, o que significa que nunca podemos estar certos de como uma situação se desenrolará apenas olhando para os elementos que a formam. Podemos conhecer a resistência do cobre e do zinco, porém nos surpreendermos com quão mais resistente é o bronze, que resulta da mistura de ambos. O mesmo acontece quando interagimos com outras pessoas por um propósito comum. D.H. Lawrence escreveu

A água é H<sub>2</sub>O

Duas partes de hidrogênio

Uma parte de oxigênio

Porém, há uma terceira coisa que a torna água

Que ninguém sabe o que é.

Experimentamos a sinergia nas conversas. Se ambos os lados têm a coragem e o desejo de explorar novos territórios, falar e ouvir mutuamente pode abrir um espaço criativo do qual todas as possibilidades podem emergir. Foi isso que aconteceu entre Mandela e F. W. de Klerk, o presidente sul africano na época. Essa dupla improvável ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 1993, por seu extraordinário feito de navegar em direção a um acordo pacífico.

## EMERGÊNCIA

Ainda que as conversas entre Mandela e de Klerk tenham desempenhado um papel fundamental para o término do apartheid, esta mudança histórica não teria ocorrido sem um contexto de apoio muito mais amplo. Na África do Sul, as pessoas arriscavam suas vidas diariamente ao se engajarem na luta por mudanças. Ao redor do mundo, milhões de pessoas apoiavam ao se juntarem a boicotes e campanhas. Se nos focarmos apenas em cada atividade separadamente, é fácil desconsiderar este fato pensando, “Isso não vai fazer muita diferença”. Para enxergarmos o poder de cada passo, precisamos nos perguntar “Do que isso é parte?”. Uma ação que pode parecer sem consequências por si só se soma e interage com outras ações de formas que contribuem para um panorama de transformação muito mais amplo.

Lembremos de nosso exemplo da fotografia no jornal. Quando vista sob uma lente de aumento, ela se parece apenas com uma coleção de pequenos pontos, porém, quando olhamos de uma pequena distância a foto como um todo, o padrão maior se torna visível. De forma similar, uma visão mais ampla da mudança emerge dos pequenos pontos formados por ações e escolhas separadas. Esta conexão entre pequenos passos e grandes mudanças revela nosso poder de um modo totalmente diferente. Cada passo individual não precisa ter um grande impacto por si só – porque podemos compreender que o benefício de uma ação pode não estar visível ao mesmo nível em que essa ação foi feita.

Visões compartilhadas, valores e propósitos fluem através e entre as pessoas. Nelson Mandela estava profundamente comprometido com uma visão para seu país que também era de muitas outras pessoas: o poder desta visão se moveu através dele e foi transmitido para os outros. Este tipo de poder não pode ser contido ou aprisionado atrás dos muros de uma prisão; ele é como um tipo de eletricidade que nos acende por dentro e inspira as pessoas ao nosso redor. Quando uma visão se move através de nós, ela passa a se expressar naquilo que fazemos, em como somos e no que dizemos. O alinhamento destes três aspectos cria um todo que é maior do que a soma de suas partes. As palavras abaixo, proferidas durante a defesa de Mandela em seu julgamento, na década de 1960, significam muito mais devido às ações que se seguiram a elas:

Durante minha vida eu me dediquei a esta luta do povo africano. Eu lutei contra a dominação branca e lutei contra a dominação negra. Eu acalentei o ideal de uma sociedade democrática e livre, na qual todas as pessoas vivam juntas em harmonia e igualdade de oportunidades. Este é um ideal pelo qual eu espero viver e conquistar. Mas, se necessário, é um ideal pelo qual estou disposto a morrer.

## O PODER DA EMERGÊNCIA

O conceito de poder-com contém profundezas escondidas; até agora descrevemos quatro aspectos dele. Primeiro, há o poder das forças interiores, colhido em nós quando nos engajamos com desafios e que cresce conforme é convocado. Em segundo lugar, há o poder que emerge

da cooperação com outras pessoas. Em terceiro, existe o poder sutil dos pequenos passos, cujo impacto só se torna evidente quando nos afastamos e olhamos o panorama maior para o qual eles contribuem. E, por último, há esta força energizante oriunda de uma visão inspiradora, que se move através de nós e nos fortalece quando agimos por um propósito maior do que nós mesmos. Todos eles são produtos da sinergia e da emergência, todos surgem quando elementos diversos interagem para se tornarem um todo que é maior do que a soma das suas partes.

Em todos os níveis, de átomos e moléculas às células, órgãos e organismos, os todos complexos se erguem, trazendo novas capacidades à existência. Em cada um destes níveis o todo age através de suas partes, para obter mais do que poderíamos imaginar ao examinar as partes isoladas. Assim, quais são as novas capacidades que emergem quando grupos de pessoas agem juntas para formar sistemas sociais complexos maiores?

Nossa sociedade tecnologicamente avançada conquistou maravilhas que nossos ancestrais nem poderiam imaginar. Levamos pessoas à Lua, decodificamos o DNA e curamos doenças. O problema é que esse nível coletivo de poder também está destruindo nosso mundo. Incontáveis atividades e escolhas aparentemente inofensivas agem juntas para promover a sexta extinção em massa na história do nosso planeta. Muitos dos problemas de nosso planeta, como a mudança climática, a fome disseminada e a extinção dos habitats naturais são tão maiores do que nós que é fácil acreditar que estamos perdendo nosso tempo ao tentar solucioná-los. Se dependermos de enxergarmos os resultados positivos de nossos passos individuais, evitamos os desafios que parecem estar além de nossa influência visível. Porém, nossas ações são efetivas através de tais multiplicidades de sinergia que não é possível traçar sua cadeia causal. A influência de tudo o que fazemos reverbera para muito além do que podemos ver.

Quando enfrentamos um problema, uma célula única do cérebro é incapaz de chegar a uma solução, ainda que participe na elaboração desta. O processo de pensamento ocorre a um nível superior do que o das células individuais – ele acontece *através* delas. Similarmente, não há como, individualmente, consertamos a bagunça na qual o mundo está metido, mas o processo de cura e recuperação num nível planetário pode acontecer através de nós e daquilo que fazemos. Para que isso ocorra, precisamos fazer nossa parte. É daí que o poder-com surge.

#### A AJUDA DA GRAÇA

Todos os indivíduos em uma equipe podem ser, cada um deles, brilhantes por si mesmos mas, se não mudarem sua história do sucesso profissional para o sucesso do grupo, sua efetividade em rede será grandemente reduzida. Quando as pessoas se experimentam como partes de um grupo com um propósito compartilhado, o espírito de equipe flui através delas e seus princípios organizacionais centralizadores mudam. A pergunta-guia deixa de ser “O que eu posso ganhar?” e passa a ser “O que eu posso oferecer?”.

Podemos desenvolver um espírito de equipe similar em relação à vida. Quando somos guiados por nosso desejo de descobrir e fazer nossa parte, podemos sentir como se estivéssemos agindo não somente por nós mesmos, mas como parte de uma equipe maior que age conosco e através de nós. Como essa equipe envolve muitas outras pessoas, aliados insuspeitados podem surgir em momentos cruciais; ajudantes invisíveis poder remover obstáculos que nem sabíamos que existiam. Quando somos guiados por perguntas como “O que posso oferecer?” e “O que posso dar?” podemos, por vezes, desempenhar o papel de protagonistas e, em outros momentos, ficarmos no apoio como aliados. De qualquer forma, pensamos no apoio adicional que sustenta nossas ações como uma forma de graça. Baseado numa entrevista com Joana, este poema,

editado em forma de verso por Tom Atlee, fundador do Instituto Co-Intelligence, expressa bem a graça que vem do pertencimento à vida:

Quando você age a favor

De algo maior do que você

Você começa

A senti-lo agindo através de você

Com um poder que é maior do que o seu.

Isto é a graça.

Hoje, conforme assumimos riscos

Em nome de algo maior

Do que nossas vidas individuais, separadas,

Nos sentimos abençoados

Pelos outros seres e pela Terra.

Aqueles como os quais e em nome de quem agimos

Nos dão força

E eloquência

E uma força

Que não sabíamos ter.

Precisamos apenas praticar o conhecimento

E a lembrança de que somos apoiados

Uns pelos outros

Na teia da vida.

Nosso verdadeiro poder chega como um presente, como uma graça,

Porque, em verdade, ele é sustentado pelos outros.

Se praticarmos recorrer à sabedoria

À beleza

E às forças

De nossos companheiros humanos

E de nossas espécies companheiras

Podemos enfrentar qualquer situação

E confiar

Que a coragem e a inteligência necessária

Nos serão oferecidas.

## PODER-COM EM AÇÃO

Eis aqui três modos pelos quais podemos nos abrir ao tipo de poder que estamos descrevendo. Podemos:

- Ouvir nosso chamado para a ação e escolher atendê-lo
- Compreender *poder* como sendo um verbo
- Recorrer aos poderes de outras pessoas.

### *Ouvindo nosso chamado para a ação e escolhendo atendê-lo*

Há momentos nos quais somos alertados para uma questão e experimentamos um chamado interno para responder a ela. Escolher atender a esse chamado nos empodera. Uma vez que tenhamos dado o primeiro passo, iniciamos uma jornada que nos apresenta situações que aumentam nossa capacidade de resposta. Forças como coragem, determinação e criatividade surgem de nós quando nos colocamos frente aos desafios que as evocam. Quando compartilhamos nossa causa com outras pessoas, os aliados aparecem; a sinergia ocorre. E quando agimos por causas maiores do que as nossas, a comunidade ampliada pela qual o fazemos estará agindo através de nós.

Podemos experimentar nosso chamado para a ação de várias formas diferentes. Por vezes, somos motivados pela discrepância desconfortável ao percebermos que nosso comportamento não está alinhado com os nossos valores. Nossa consciência nos convoca, e quando caminhamos em integridade, mais daquilo que somos se alinha na mesma direção. Em outras ocasiões, nosso chamado é mais como se fosse um encantamento poderoso. Apenas sabemos, mesmo que não estejamos certos como, que precisamos estar em algum lugar, fazermos algo ou contarmos uma pessoa em particular.

Se pensarmos em nós apenas como sendo indivíduos separados entenderemos estes chamados intuitivos puramente em termos pessoais. Ao nos reconhecermos como parte da grande teia da vida, enxergamos algo diferente. Assim como experimentamos a Terra gritando dentro de nós como sendo dor pelo mundo, podemos experimentar a Terra pensando dentro de nós como um impulso que nos guia em determinada direção. Podemos compreender isso como sendo “co-inteligência”, a habilidade de pensar e sentir juntamente com nosso mundo.

Desenvolver um senso de parceria com a Terra envolve escutar por sinais e leva-los a sério quando os ouvimos. Nosso amigo John Seed, o ativista australiano pelas florestas tropicais, ensina um jeito simples de escutar por essa guia interna. Ele a chama de “uma carta de Gaia”, podendo ser um modo poderoso de ouvirmos nosso chamado para a ação.

## TENTE ISSO: UMA CARTA DE GAIA

Se a Terra pudesse conversar conosco, o que ela diria? Podemos descobrir, ao imaginarmos que a Terra pode escrever através de nós.

Em uma folha de papel em branco, escreva uma carta para você mesmo, começando com as seguintes palavras:

“Cara/o [insira seu nome]:

Aqui é sua mãe Gaia...”

Continue a carta com quaisquer palavras que ocorram naturalmente a você, deixe sua mão escrever, sem pensar muito, e apenas deixe que as palavras fluam. Se você preferir começar esta carta com outras palavras, por favor, faça isso.

### *Compreendendo Poder como Verbo*

A velha visão de poder é baseada em se ter mais de algo do que nosso adversário. O poder-com, contudo, não é uma propriedade ou posse. Ele emerge do que *fazemos*, e não do que *temos*. A mudança de percepção que ocorre quando vemos poder como um verbo, e não como um nome, tem uma potência surpreendente. Aqui temos duas frases abertas que nos convidam a explorarmos o poder como um verbo:

TENTE ISSO:

#### FRASES ABERTAS QUE EMPODERAM

Estas frases abertas podem ser usadas em auto-reflexões, escrita criativa ou exercícios de escuta em pares.

1. Eu empodero a mim mesma/o ao...
2. O que me empodera é...

Quando exploramos este exercício em workshops, as pessoas relatam que se empoderam ao lembrarem-se do que é importante, fazerem o que realmente importa, experimentarem emoções, exercitarem-se regularmente, comerem bem, dormirem o suficiente, buscarem por boas companhias, meditarem, prestarem atenção às necessidades (as suas e as das outras pessoas), rirem, dançarem e cantarem. Quando olham para o que os empodera, as participantes com frequência mencionam propósitos inspiradores, amigos que os encorajam e apoiam e um senso de enraizamento na vida. *Poder* como verbo nos aponta uma outra direção muito diferente daquela apontada quando pensamos nele como substantivo.

### *Recorrendo às Forças das Outras Pessoas*

Uma forma através da qual podemos nos empoderar é recorrer às forças de outras pessoas. Um exemplo maravilhoso disso poder ser encontrado na obra de T. H. White, *A Espada na Pedra*, na qual ele conta a história do Rei Arthur quando menino, sendo tutorado por Merlin.

O mago Merlin, como tutor de Arthur, ensinou ao menino a sabedoria de se transformar em várias criaturas, e fez com que ele vivesse, por breves momentos, como um falcão, uma formiga, um ganso selvagem, um texugo, uma carpa no fosso do castelo... Chegou o tempo de escolher o novo Rei de Toda Inglaterra: seria ele quem fosse capaz de retirar a espada da pedra. Todos os cavaleiros famosos, que vieram para o grande torneio, foram ao pátio da igreja, no qual a pedra misteriosamente se encontrava, e tentaram arrancar a espada que estava enfiada



nela. Com esforço e suor, eles competiram para provar sua força superior. Nada feito: por mais que puxassem e praguejassem, a espada nem se moveu. Quando os cavaleiros, desapontados, se retiraram para retornar às justas, Arthur, que era apenas um adolescente, permanecendo para trás, foi até a pedra para tentar a sorte. Agarrando o punho da espada, ele puxou com toda sua força, até ficar exausto e encharcado de suor. A espada permaneceu imóvel. Olhando ao redor, ele viu, nos arbustos que circundavam o pátio da igreja, as formas daqueles com quem ele havia vivido e aprendido. Lá estavam: texugo, falcão e todos os outros. Conforme os cumprimentava com os olhos, ele se abriu novamente para os poderes que havia conhecido em cada um deles – a diligência, a destreza, a rápida ousadia, a perseverança... Sabendo que estavam com ele, Arthur voltou até a pedra e, respirando com facilidade, puxou a espada, que deslizou como uma faca na manteiga.

Quando recorremos ao senso de companheirismo, pertencimento e conexão, é como se lembrássemos de nosso sistema radicular. Este é o poder-com, que vem do grande círculo ao qual podemos recorrer e que age através de nós.

Em seus workshops, Chris as vezes pede que as pessoas se lembrem de uma ocasião na qual elas fizeram algo que fez alguma diferença. Não precisa ser nada grandioso, apenas algo positivo que poderia não ter ocorrido de outra maneira. Então, em grupos de três ou quatro pessoas, ele pede que elas se alternem para contar suas histórias e identificar quais forças as auxiliaram a desempenhar este papel. Após fazer isso, ele frequentemente as ouve dizer: “Ouvir você descrever como usou esta força me ajudou a reconhecê-la em mim também”. Quando outras pessoas se abrem para suas forças, isso nos ajuda a nos abirmos para as nossas. Podemos “pegar” esse tipo de poder dos outros.

Sempre que você estiver lutando, lembre-se da espada na pedra. Pense em tentar tirá-la de lá. Então faça uma pausa. Lembre-se de todos aqueles que o inspiram. Pense neles ao seu redor, e recorra às suas forças. Pense naqueles que o apoiam e acreditam em você. Recorra às forças deles também. Pense em por quem e pelo que você está agindo, e sinta o poder deles agindo através de você.